

## Luiz Gastão de Escragnolle Dória: um polígrafo das Letras brasileiras

Zadig Mariano Figueira Gama<sup>1</sup>

Celina Maria Moreira de Mello<sup>2</sup>

**Resumo:** A digitalização de parte do acervo de jornais e revistas da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) tem conferido um novo olhar sobre a história da literatura no Brasil, redimensionando-a constantemente ao trazer à luz, mais uma vez, os nomes de escritores que, sobretudo no século XIX, projetaram-se nas Letras brasileiras mas acabaram por ser eclipsados. Esse é o caso de Luiz Gastão de Escragnolle Dória (1869-1948), ocasionalmente lembrado por sua atuação no magistério, como professor do Colégio Pedro II, ou por sua dedicação à preservação do patrimônio intelectual brasileiro, como membro e diretor do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Sua produção literária, entretanto, resta diluída nas páginas dos periódicos com os quais contribuiu ao longo de sua trajetória. Nesse sentido, a questão que se impõe vai além do motivo de sua exclusão da lista de autores considerados pela historiografia canônica, já que esse polígrafo das Letras brasileiras publicou pouco em livro, suporte privilegiado pelas Histórias da literatura e porta de entrada para os manuais escolares. Procuramos, neste artigo, restabelecer as sucessivas posições ocupadas por Escragnolle Dória no campo literário brasileiro ao longo de sua trajetória (BOURDIEU, 1992) a fim de colocar em perspectiva sua atuação como escritor e tradutor de obras literárias.

**Palavras-chave:** Escragnolle Dória. Literatura brasileira. Imprensa brasileira. Naturalismo.

O novo horizonte de possibilidades que se abriu com a Hemeroteca Digital da FBN permitiu-nos reunir informações suficientes para que recuperássemos grande parte da produção literária de Luiz Gastão d'Escragnolle Dória (1869-1948) – que não consta nas principais obras que fazem referência à sua atuação nas Letras brasileiras – bem como para que restabelecêssemos o debate em torno do qual sua obra foi recebida pela crítica.<sup>3</sup> Propusemo-nos, então, a examinar a trajetória desse homem de letras no campo literário brasileiro, na tentativa de restabelecer parte da História da literatura que concerne a esse escritor esquecido e de fomentar o debate sobre os fatores que favoreceriam o acesso de um agente desse campo ao estatuto de “autor”. Valemo-nos, dessa maneira, da relação complementar entre Sociologia e Literatura articulada por Pierre Bourdieu (1992) que, no

<sup>1</sup> Mestrando em Letras Neolatinas/Literaturas de Língua Francesa, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. RJ, Brasil. Este artigo é parte do resultado de pesquisa com apoio do CNPq. E-mail: zادهg@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Ciência da Literatura, Professora Titular de Língua e Literatura Francesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pesquisadora 1B do CNPq. E-mail: jeank@domain.com.br.

<sup>3</sup> Referimo-nos aqui ao texto introdutório da reedição da *Memória histórica do Colégio de Pedro Segundo 1837-1937* (ACCIOLI In: ESCRAGNOLLE DÓRIA, 1997, p. XV-XXVIII) e aos verbetes dos dicionários de nomes *Who's Who in Latin America* (1940, p. 135) e *Sacramento Blake* (1899, p. 411).

intento de neutralizar a cisão entre a vida do autor e sua obra, em que uma explicaria a outra e vice-versa, coloca em perspectiva as relações de dominação, de subordinação, de complementaridade e de antagonismo entre agentes e grupos de agentes, em função de seus investimentos nesse microcosmo relativamente autônomo que é o campo literário. Tendo em vista que trajetória, segundo Bourdieu, é uma orientação voltada para a descrição da “série de posições sucessivamente ocupadas” pelo mesmo agente ou instituição em “estados sucessivos do campo” (BOURDIEU, 1994, p. 78-79), subdividimos o presente artigo em duas partes. Na primeira delas, intitulada *Um escritor de múltiplos talentos*, voltamo-nos para os anos da juventude de Escragnolle Dória quando, após ter concluído seus estudos na cidade de São Paulo, retorna à sua cidade natal, o Rio de Janeiro, e passa a colaborar com diversos jornais e revistas da então capital da República dos Estados Unidos do Brasil. É nesse momento que sua produção literária começa a circular no meio letrado brasileiro, chamando a atenção da crítica tanto pela filiação a escritores já estabelecidos no campo literário, quanto pela variedade de gêneros que praticou, atingindo um público maior e mais diverso. Na seção *Uma relação literária transnacional*, destacamos igualmente sua atuação como tradutor, sobretudo de obras francesas, dentre as quais se destacam as traduções de obras escritas pelos irmãos Edmond (1822-1896) e Jules (1830-1870) de Goncourt a quatro mãos ou apenas pelo irmão mais velho, com quem trocou correspondências durante a década de 1890. Dedicamo-nos também à repercussão da amizade literária que nutriu com Edmond de Goncourt durante as cinco primeiras décadas do século XX, período no qual sua imagem de autor paulatinamente construída pela imprensa deu lugar à sua representação como professor e historiador.

### **Um escritor de múltiplos talentos**

No Rio de Janeiro, mais especificamente na Rua Visconde de Itaúna, que deixou de existir para a abertura da Av. Presidente Vargas, nascia Luiz Gastão d’Escragnolle Dória, no dia 31 de janeiro de 1869. De origem nobre, era filho de Luiz Manoel das Chagas Dória (1835-1896) – general de divisão reformado, doutor em ciências físicas e matemáticas, “lente catedrático da Escola Superior de Guerra”, autor de *Estradas de ferro em tempo de guerra* (1883) e irmão de Francisco Manuel das Chagas Doria (1829-1909), o barão de Itaipu – e de

Dona Adelaide d'Escragnolle Taunay Dória (1841-1921), irmã de Alfredo d'Escragnolle Taunay (1843-1899), o visconde de Taunay.<sup>4</sup>

Após ter se diplomado em Ciências Jurídicas pela Faculdade de São Paulo em 1890, Escragnolle Dória passou a colaborar na *Folha da Tarde* (SP), de julho de 1891 a fevereiro de 1893, pouco antes de retornar à sua cidade natal, o Rio de Janeiro, onde começou a contribuir com o *Jornal do Commercio* (RJ), de 1891 a 1922; *A Semana* (RJ), de Valentim Magalhães e Max Fleiuss, de 1892 a 1895; *Rua do Ouvidor* (RJ), em 1896; *Capital Paulista* (SP), em 1900; e mais tarde com *Gazeta de Notícias* (RJ), em 1908. Também escreveu para as revistas *Eu Sei Tudo* (RJ), *Renascença* (RJ), *Kósmos* (RJ), *A Semana* (RJ), *Arquivo Público Mineiro* (MG), *Século XX* (RJ), e *Sul América* (RJ). Dentre os pseudônimos com os quais assinava seus artigos, podem ser citados Vegex, D. Demetrius, Branca de Miramar, Ulisses de Aguiar, Mac Nemo, Nemo, José Belém, Dornelas, Um Abelhudo, Álvaro Guedes, Jacy Belém e E. D. (ACCIOLI et alii, 1997, p. XX-XXI).

A primeira aposta de Escragnolle Dória no campo literário se deu em um dos jornais com os quais colaborou. Em 1894, quando o periódico literário *A Semana*, à época dirigido por Valentim Magalhães, lançou o primeiro de uma série de concursos literários que premiariam tanto poesia quanto prosa, Dória concorreu com o conto *Dor*. O concurso, iniciado em 6 de janeiro de 1884 e encerrado no dia 15 de fevereiro daquele mesmo ano, teve como principais condições de participação o ineditismo do texto e a extensão mínima de 150 linhas, em se tratando de “contos, quadros, fantasias, seja o que for”; já os prêmios, eles incluíam a publicação dos textos vencedores e objetos que despertassem interesse na comunidade letrada, podendo variar em “livros de luxo, raridades bibliográficas, autógrafos preciosos, retratos de celebridades, ricamente emoldurados etc.”.<sup>5</sup> O resultado do concurso não tardou a aparecer: a edição do semanário do dia 3 de março de 1894 trazia a informação de que o primeiro lugar havia sido concedido ao engenheiro, professor e futuro membro fundador da Academia Brasileira de Letras, Manuel Ferreira Garcia Redondo (1854-1916).<sup>6</sup> Escragnolle Dória ficou na segunda colocação, tendo seu conto reproduzido nas edições dos

<sup>4</sup> *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, ano 21, n. 719, jun. 1896, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

<sup>5</sup> *A Semana*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 23, 6 jan. 1894, p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

<sup>6</sup> *A Semana*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 31, 3 mar. 1894, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

dias 17, 24 e 31 de março da *Semana* daquele ano.<sup>7</sup> Esse foi apenas o primeiro de muitos outros textos literários que se sucederam na *Semana*, até junho de 1895, quando deixou de colaborar nessa folha. Encontramos, por exemplo, os contos *O pardal de Lésbia*, *Mãe*, *Almas honestas*, *Uma vida*, *Fumaça* e *Talião*; os poemas em prosa *Íntima*, *Ciganinha*, *Voluptuosa*, *Nel mezzo del jardin*, *Despedidas de amante*, *As três irmãs*, *Datas*, *Cecy*, *Violetas*, *Sinhazinha*, *Emília*, *Noivas mortas*; a série *Camafeus antigos*, com *Helena*, *Nausicaa*, *Phynéa* e *Cleópatra*; a série *Esmaltes exóticos*, com *Loem-doa* e *Safié*; a série *Americanas*, com *Yára* e *Marabá*, tendo sido esse último transformado em poema sinfônico em 1913; e finalmente a série *Tipos infantis*, com *Dulce* e *Marina*.<sup>8</sup>

O reconhecimento de Escragnolle Dória como escritor pela imprensa brasileira aconteceu pouco tempo depois da publicação de seus primeiros textos literários, como pode ser visto na “Carta literária”, escrita pelo jornalista Leopoldo de Freitas Cruz (1865-1940), publicada na seção folhetim do jornal *O Democrata Federal* (SP). Endereçada ao poeta e jornalista Adolfo Campos de Araújo (1873-1915), a carta literária apresenta-se como uma crítica à centralização dos “principais autores nacionais” na então capital da República, cujos representantes seriam:

[...] Olavo Bilac, o maravilhoso estilista das *Chronicas* e *Novelas*; Artur Azevedo, o escritor fulgurante de tantas seções no diarismo da grande capital, e seu irmão, Aluísio de Azevedo, o satânico autor dos *Demônios*; Coelho Neto, o magnífico menestrel das *Rapsódias* e de outras, muitas outras produções em que a sua fecunda imaginativa incessantemente nos desperta a sanção do trabalho dos funâmbulos japoneses; Escragnolle Dória, o impressionista e delicado escritor de novelas brasileiras numa prosa nervosa e límpida [...].<sup>9</sup>

Os textos literários escritos por Escragnolle Dória na *Semana* parecem ter tido a atenção não somente do *Democrata Federal*, que deu uma prova da prosa nervosa do escritor de novelas brasileiras ao reproduzir *Violetas*, mas também da equipe editorial de jornais de

<sup>7</sup> A *Semana*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 33, 17 mar. 1894, p. 2-3; n. 34, 24 mar. 1894, p. 2-3; n. 35, 31 mar. 1894, p. 2-3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

<sup>8</sup> Quando, em 1913, a Sociedade de Concertos Sinfônicos deu uma festa no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em homenagem a Francisco Braga, o “talentoso autor da *Jupyra*”, podemos verificar outra parceria de Escragnolle Dória com esse maestro e compositor. Para mais informações sobre a execução dessa obra, conferir: *A Imprensa*, Rio de Janeiro, ano 10, n. 1893, 10 out. 1913, p. 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

<sup>9</sup> *O Democrata Federal: Folha diária destinada à defesa do principio democrático federativo*, São Paulo, ano 1, n. 2, 26 mar. 1895, p. 1, grifo nosso. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

diversas cidades brasileiras, como o *Jornal do Recife* (PE), que publicou *Emília*; o *Estado do Espírito Santo* (ES) e a *Gazeta de Petrópolis* (RJ), que trouxeram novamente *Marina* aos olhos do público leitor; *O Lynce* (RJ), que reprisou *Fumaça*; ou *O Pharol* (MG), que recordou *Noivas mortas* no início do século XX.<sup>10</sup>

O mesmo aconteceu assim que deixou a redação da *Semana*, em 1895. As séries de estudos históricos sobre artistas, cantoras e cantores do passado, publicadas na *Revista Brasileira*, entre os anos de 1896 e 1898, foi alvo do interesse do público leitor por diversas vezes. A série sobre os “Artistas de outro tempo” trazia os nomes de Louis Moreau Gottschalk, Domingo Santinelli, Sigismundo Thalberg, Emílio Wroblewski, Carlota Patti, Theodoro Ritter e Pablo Sarasate; a série das “Cantoras de outro tempo” contava com os nomes de Rosina Stoltz, Juliana Dejean e Rosina Laborde; já a dos “Cantores de outro tempo” tinha como representantes Henrique Tamberlick e Julião Gayarre.<sup>11</sup> Como aponta a notícia publicada no jornal *Minas Geraes*, no dia 27 de outubro de 1896, a série sobre os cantores teve projeção internacional: “a *Revue des Revues*, de Paris, no resumo que traz das revistas estrangeiras, menciona com elogios a *Revista Brasileira* e dela traduz trechos inteiros do artigo do dr. Escragnole Doria sobre *Cantores de outrora* [sic.]”.<sup>12</sup> Da série sobre as cantoras, o texto sobre Rosina Stoltz foi também publicado na folha carioca *Rua do Ouvidor*, em 1899.<sup>13</sup> Cerca de dez anos depois da primeira publicação dessas três séries, a *Revista do IHGB* as compilou, em 1909, sob o título de “Coisas do passado”, acrescentando mais textos

<sup>10</sup> *O Democrata Federal*, São Paulo, ano 1, n. 143, 14 set. 1895, p. 1; *Jornal do Recife*, Recife, ano 38, n. 156, 12 jun. 1895, p. 2; *Estado do Espírito Santo*, Vitória, ano 17, n. 157, 9 jul. 1897, p. 1; *Gazeta de Petrópolis*, Petrópolis, ano 7, n. 93, 4 ago. 1898, p. 2; *O Lynce*, Macaé, ano 5, n. 240, 27 set. 1899, p. 2-3; *O Pharol*, Juiz de Fora, ano 56, n. 39, 8 mar. 1913, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 18 nov. 2015.

<sup>11</sup> *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 37, tomo 7, jul.-set. 1896, p. 21-25; p. 121-126; p. 182-190; n. 47, tomo 8, out.-dez. 1896; p. 229-236; p. 277-285; ano 3, n. 49, tomo 9, jan.-mar. 1897, p. 5-11 e 367-371; n. 59, tomo 10, abr.-jun. 1897, p. 169-183 e 290-295; n. 64, tomo 11, jul.-set. 1897, p. 216-226; n. 70, tomo 12, out.-dez. 1897, p. 231-237; ano 4, n. 75, tomo 13, jan.-mar. 1898, p. 331-345; n. 79, tomo 15, jul.-set. 1898, p. 65-71. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>12</sup> *Minas Geraes*, Ouro Preto, ano 5, n. 290, 27 out. 1896, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 7 nov. 2015. Até o presente momento não foi possível confirmar essa informação porque os números da *Revue des Revues* referentes aos meses de julho, agosto, setembro e outubro não se encontram digitalizados no site da Gallica.fr, tendo provavelmente sua consulta condicionada à visita presencial à Biblioteca Nacional da França.

<sup>13</sup> *Rua do Ouvidor*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 84, 16 dez. 1899, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 6 mar. 2015.

de Dória, como, por exemplo, um perfil da cantora italiana Eleonora Duse (1858-1924) e outro sobre o visconde de Souza Franco (1805-1875).<sup>14</sup>

Paralelamente à sua colaboração na *Revista Brasileira*, cuja publicação será assumida pela Academia Brasileira de Letras (ABL) apenas em 1941, corria na edição do dia 15 de novembro de 1896 do jornal carioca *A Notícia*, na seção de “Cartas e comunicados”, a reivindicação de um leitor para que Escragnolle Dória compusesse o rol de membros dessa instituição, fundada no ano seguinte:

Sr. Redator – Li com atenção tudo o que até hoje se tem publicado com relação a projetada Academia de Letras e, sem negar mérito aos outros artigos, o que mais me agradou foi a primeira das cartas publicadas pela *Notícia* de ontem, em que se indicavam os nomes de Rui Barbosa, Quintino Bocaiúva, Velho da Silva, Capistrano de Abreu, Carlos de Laët, visconde de Taunay, João Ribeiro, Joaquim Nabuco, Araripe Júnior e Machado de Assis. Realmente é esse um grupo de homens do mais indiscutível valor, valor provado nas letras jurídicas, no jornalismo, no conhecimento profundo da língua, na história pátria, no romance, na filologia em geral, na oratória e na crítica. Feliz essa escolha que, se for aceita pelo Dr. Alberto Torres, será a garantia do brilho e do interesse que merecerá a Academia.

Esses dez homens eminentes que elejam os vinte membros restantes, mas que só tenham por guia o próprio critério e não se deixem seduzir.

Uma vez que a Academia tenha nomes como os que acima se leem e mais os de Lafayette Rodrigues Pereira, José Higino, Ouro Preto, Ferreira de Araújo, Silvio Romero, Eunápio Deiró, Paranapiacaba, Teixeira de Mello, Martins Júnior, Afonso Celso, conselheiro Ferreira Viana, Mello Moraes, Rodolfo Dantas, Constâncio Alves, Lúcio de Mendonça, Coelho Rodrigues, Escragnolle Dória, Bulhões de Carvalho, Medeiros e Albuquerque e Coelho Neto, será um instituto que não poderá temer confronto.

A fazer uma Academia de Letras é necessário fazer coisa séria e que traga utilidade. – A. V.<sup>15</sup>

Escragnolle Dória, em 1896, além de ter dado início à sua participação na *Revista Brasileira*, que já estava em sua terceira fase, conhecida como “fase José Veríssimo”, também começou a dar os primeiros passos no magistério, como professor de francês no Externato Bastos. Situado no nº 26 da rua Luiz de Camões, ao lado do então Gabinete Português de Leitura e a poucos passos da Academia Real Militar, o Externato Bastos oferecia “curso

<sup>14</sup>*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, ano 71, n. 118, 1909, p. 183-404, tomo 47. No tomo 46, publicado naquele mesmo ano, é possível encontrar três conferências sobre o Brasil proferidas por Escragnolle Dória e compiladas sob o título de “Ubique Patriae Memor”. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 18 maio 2017.

<sup>15</sup>*A Notícia*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 273, 15/11/1896, p. 3, grifo nosso. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 19 nov. 2015.



completo de preparatórios, curso de madureza, instrução superior [...] [com] aulas práticas à noite”.<sup>16</sup>

Nos últimos anos do século XIX, podemos ver Escragnolle Dória atuando em diversas frentes, como o jornalismo, o magistério, a literatura e, somando-se a isso, a música. Em 1899, a notícia de que ele havia extraído o libreto da ópera *Jupyra* de uma das novelas das *Histórias e tradições da Província de Minas Gerais* (1872), do escritor mineiro Bernardo Guimarães (1825-1884), reverberou na imprensa brasileira. Jornais de Minas Gerais, do Pará, de Pernambuco, Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro traziam a notícia de que a ópera, composta por Francisco Braga (1868-1945) enquanto esteve na Alemanha, teve a participação da “inteligência privilegiada de Escragnolle Dória, o fino cinzelador de nossa proza, o *conteur* adorável que, desde a segunda fase da *Semana*, vem afirmando seu belo talento”.<sup>17</sup> A ópera em um ato *Jupyra*, cujos intérpretes das primeiras representações na então capital da República, em outubro de 1900, “foram as sopranos Adalina Troniben e Livia Berlendi, respectivamente *Jupyra* e Rosalina; tenor Ranibaldi, Carlito; e barítono Arcangeli, Quirino”, esteve em cartaz pelo Brasil até 1948, “com os seguintes intérpretes: sopranos Gilda Farnese e Germana de Lucena; tenor Machado Del Negri e barítono Asdrubal Lima. A regência [está] confiada ao maestro Henrique Spedini”.<sup>18</sup>

Pouco tempo depois da virada do século XIX para o XX, em 1902, Escragnolle Dória começou a ministrar aulas de francês, de inglês, de lógica e de geografia no Colégio Pedro II, até então chamado Ginásio Nacional. No dia 5 de abril de 1937, com mais de 30 anos de atuação nessa instituição, foi proclamado professor emérito “por voto unânime” da comunidade acadêmica ao final de suas atividades.<sup>19</sup> Dória também teve reconhecimento por suas atividades no campo da história, da geografia e da arquivologia, tornando-se sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1912; e, cinco anos mais tarde, em 1917, assumiu a função de diretor daquela instituição. Foi membro do Instituto de Bacharéis em

<sup>16</sup>A *Notícia*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 152, 21 jul. 1896, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

<sup>17</sup>*Pequeno Jornal*, Recife, ano 2, n. 118, 26 maio 1899, p. 1; *A República*, Belém, ano 1, n. 103, 8 jun. 1899, p. 1; *A Federação: Órgão do Partido Republicano*, Porto Alegre, ano 18, n. 203, 1º set. 1900, p. 2; *A Notícia*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 188, 13-14 ago. 1900, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

<sup>18</sup>*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 36, n. 13206, 29 abr. 1937, p. 5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 6 abr. 2017.

<sup>19</sup>*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 47, n. 16319, 15 jan. 1948, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 6 abr. 2017.

Letras do Instituto Genealógico de São Paulo, e sócio correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa (ACCIOLI et alii. In: ESCRAGNOLLE DÓRIA, 1997, p. XIX).

Das obras escritas por Escragnolle Dória e publicadas em livro, parece-nos ser a coletânea de contos *Dor*, lançada em 1903 pela editora de Baptiste Louis Garnier, a única obra literária a ter circulado nesse suporte. Seu anúncio no jornal *O Paiz* (RJ) do dia 31 de outubro de 1903 faz uma retrospectiva da atuação de Dória no âmbito literário, colocando o ano de 1887 como marco inicial de sua produção literária – provavelmente referindo-se a alguma obra escrita enquanto fora estudante na Faculdade Direito de São Paulo – e relembra os nomes que certificaram a qualidade de seus textos em concursos literários:

Data de 1887 a estreia literária de Escragnolle Dória. Só agora, porém, se resolveu este homem de letras a enfeixar num volume os melhores contos de sua lavra. Alguns deles mereceram a sanção de concursos literários renhidos, quais os concursos da *Semana* e da *Gazeta de Notícias*, e neles encontraram o voto e o louvor de juizes do quilate de Machado de Assis, Lúcio de Mendonça, Coelho Neto, Aluizio Azevedo, Araripe Júnior, Raul Pompéia, Silva Ramos, João Ribeiro e outros. *Dor* é o primeiro conto do livro, que, segundo o uso literário moderno, dá título ao volume inteiro. Dedica-o a Edmundo de Goncourt; aquele conto lembra uma amizade que, para Escragnolle Dória, chegou a encontrar eco nas páginas do célebre *Journal des Goncourt*. 1 vol. in-8º, enc[adernado] 4\$, br[ochura] 3\$000.<sup>20</sup>

É interessante notar que, dentre os nomes dos escritores já estabelecidos no campo literário brasileiro arrolados no anúncio de *Dor* e que julgaram sua produção no início de sua trajetória, alguns deles mais tarde se tornariam colegas de Escragnolle Dória na redação de jornais e revistas. O destaque dado à relação com Edmond de Goncourt – que será explorada na próxima seção deste artigo – aparece não somente nesse anúncio, mas também na recepção crítica de *Dor*.

Na crônica literária assinada por J. dos Santos na edição referente aos dias 2 e 3 de dezembro de 1903 da *Notícia* (RJ), é enfatizada a informação de que “a dedicatória do primeiro conto da coleção, que é feita a Edmond de Goncourt e todo o enredo de *Mágoa eterna* mostram bem qual é a grande admiração literária de Escragnolle Dória: os irmãos

<sup>20</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, ano 20, n. 6962, 31 out. 1903, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 19 nov. 2015.



Goncourt”.<sup>21</sup> A admiração por Edmond e seu irmão Jules, segundo o articulista, não se espraiava sobre todos os contos de *Dor*, pois “Escragnolle Dória não tem os rebuscamentos e complicações de estilo daqueles escritores. Sua linguagem é límpida, correntia, fácil – e por isso mesmo a que convém a cada um dos seus trabalhos, cujo assunto expõe sempre admiravelmente”.<sup>22</sup> Os valores estéticos identificados ora se relacionam ao método de escrita naturalista, com “pequenos episódios, em geral de uma ação muito viva, muito intensa, que se pode dizer nitidamente recortada nos fatos da vida” e marcados pela ausência de peripécias – como nos contos “Dor”, “Mágoa eterna” e “Corações obscuros” –, ora se inserem na tradição de narrativas romanescas de aventuras, com raptos e assassinatos – como nos contos “Talião”, “Lourenço Macambira” e “Deus”.

A crítica assinada por A. Azamor no jornal *O Fluminense* (RJ), em contrapartida, assume uma postura mais irônica ao lembrar ao leitor que a editora Garnier também tinha em seu catálogo uma obra de título semelhante: *A Dor*, “massuda obra” do padre e historiador Émile Bougaud (1823-1888), parte de *Le Christianisme et les temps presents* (1874-1884, 5 tomos); e que “a *Dor* de Escragnolle Dória e *A Dor* de Bougaud parecem-se tanto quanto [...] a estrela Sirius com a lâmpada de azeite da sala de tortura da Santa inquisição”.<sup>23</sup> O tom elogioso permanece nas linhas seguintes: “os contos reunidos de Escragnolle Dória teriam aqui análise extensa se se tratasse de um estreante; Escragnolle Dória não o é; e por isso contento-me em noticiar ao público deste Estado que tanto amo e até onde chegar *O Fluminense* o aparecimento deste ótimo livro, escrito em atraente e admirável estilo [...]”.<sup>24</sup>

Apesar da pouca repercussão de *Dor* na imprensa, a obra foi lembrada por figuras eminentes no meio literário, como o acadêmico José Veríssimo (1857-1916), na edição de janeiro de 1904 da revista *Kósmos*, incluindo-a na lista de livros beneméritos publicados no ano anterior.<sup>25</sup> Em 1927, Luís Paula Freitas, da Academia Pedro II (atual Academia Carioca de Letras), publicou um texto intitulado “Escragnolle Dória”, no qual afirmava ter “quase

<sup>21</sup> *A Notícia*, Rio de Janeiro, ano 10, n.º 280, 2-3 dez. 1903, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

<sup>22</sup> *A Notícia*, Rio de Janeiro, ano 10, n.º 280, 2-3 dez. 1903, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

<sup>23</sup> *O Fluminense*, Niterói, ano 24, n. 5414, 26 dez. 1903, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 1.º fev. 2017.

<sup>24</sup> *O Fluminense*, Niterói, ano 24, n. 5414, 26 dez. 1903, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 1.º fev. 2017.

<sup>25</sup> *Kósmos*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, jan. 1904, p. 6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 14 maio 2017.

todos os artigos seus perfeitamente colecionados” para em seguida se perguntar se os leitores da época “dariam o necessário e justo valor ao volume que os reunisse”.<sup>26</sup> Sua pergunta poderia ser respondida através dos obituários de Escragnolle Dória que circularam na imprensa após sua morte, no dia 14 de janeiro de 1948. O obituário publicado no *Correio da Manhã* (RJ), por exemplo, lembra que Dória deixou impressas obras como *Terra Fluminense* (1929), que trazia a descrição de diversos municípios do Rio de Janeiro, e a já referida *Memória histórica do Colégio Pedro II* (1937), “mas para se aquilatar devidamente o valor do operoso e brilhante intelectual [...], necessário será coligir muita coisa esparsa, muita página brilhante que Escragnolle Dória escreveu em sua brilhante existência”.<sup>27</sup> O obituário do *Jornal do Brasil* (RJ) coloca-o como “[...] um dos últimos representantes da geração ilustre que, na ordem literária, criou e fundou o naturalismo e a Academia, e, na ordem política, fez triunfar a república”.<sup>28</sup>

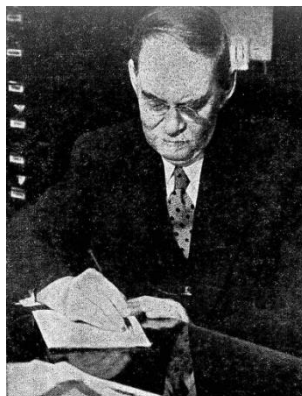
Poderíamos ainda indicar muitos outros obituários e homenagens póstumas em jornais, como *A Noite*, o *Jornal do Commercio*, e em revistas, como *Eu sei tudo* ou a *Revista da Semana*, na qual as extensas “anotações bio-bibliográficas” trazem informações preciosas sobre Escragnolle Dória, como a de que seu soneto “Almas gêmeas” havia sido traduzido para a língua sueca – “Tidsfordrif” – pelo poeta Göran Bjorkman (1860-1923), entusiasta da língua portuguesa; ou ainda a reivindicação da mudança de endereço da rua que passou a levar o seu nome no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, para o bairro da Tijuca, onde morou grande parte de sua vida, devido à “impropriedade da classificação como rua, pois evidentemente, trata-se de um ‘caminho’”.<sup>29</sup>

<sup>26</sup> *Ilustração Brasileira*, Paris, ano 8, n. 83, jul. 1927, p. 12-13. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 6 maio 2017.

<sup>27</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ano 47, n. 16319, 15 jan. 1948, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 6 abr. 2017.

<sup>28</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 58, n. 12, 15 jan. 1948, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 7 maio 2017.

<sup>29</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, ano 37, n. 12773, 15 jan. 1948, p. 9; *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 121, n. 90, 15 jan. 1948, p. 5; *Eu sei tudo*, Rio de Janeiro, ano 31, n. 8, jan. 1948, p. 17-18; *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano 47, n. 2, jan., 1948, p. 18 e 50; *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, ano 18, n. 7862, 12 jun. 1946, p. 7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 2 mar. 2017.



**Fig. 1:** Luiz Gastão d'Escragnolle Dória (31/01/1869-14/01/1948)  
*Revista da Semana*, jan. 1948, p. 18.

Se nos ativermos à perspectiva dos processos de reconhecimento social proposta pelo historiador francês Antoine Lilti, esses obituários estariam intimamente relacionados a uma manifestação de interesse do público leitor dos jornais que os publicaram pela figura de Escragnolle Dória. Mais do que um gênero-síntese da vida de um autor, o obituário pode ser entendido como uma manifestação midiática legitimadora de uma figura pública em campos específicos, no caso de Escragnolle Dória no campo literário e no campo intelectual. Estaríamos, assim, diante de um dos elementos que compõem o que Antoine Lilti chama de *celebridade*, que consiste em uma forma de reconhecimento por um “vasto número de pessoas com as quais não há contato direto algum, mas que são frequentemente confrontadas à sua figura pública, isto é, ao conjunto de imagens e de discursos associados a seu nome” (LILTI, 2014, p. 13).<sup>30</sup> O obituário, por sua vez, se integraria à noção de *celebridade* já que “são célebres as pessoas das quais os jornais anunciam a morte” (LILTI, 2014, p. 104).

### **Uma relação literária transnacional**

Fruindo desde cedo de um ambiente propício às Letras, as primeiras investidas de Escragnolle Dória nas letras se dão quando ele tinha apenas onze anos, através de uma atividade comumente ignorada enquanto forma de intervenção no meio literário: a tradução. Apesar de sua primeira tradução ter sido feita em 1880 – *O sábio e o crocodilo* (*Le savant et le crocodile*), capítulo de *La Comédie des animaux, histoire naturelle en action* (1862), de Joseph Méry (1797-1866), publicada na *Revista da Escola Militar* – foi na década seguinte

<sup>30</sup> Esta e as traduções subsequentes são de nossa autoria.

que obras de língua estrangeira, sobretudo francesas, tiveram projeção no campo literário brasileiro graças à sua mediação.

Na década de 1890, quando começou a contribuir para o *Jornal do Commercio*, encontramos o que poderíamos considerar ser tanto a primeira tradução de Escragnolle Dória em um jornal de grande circulação quanto a primeira tradução de uma obra escrita pelos irmãos Goncourt. Trata-se de *Irmã Philomena*, tradução do romance *Sò ur Philomène* (1861), publicado na seção folhetim do jornal carioca, entre os dias 16 de setembro e 18 novembro de 1891. A publicação desse romance coincidiu com as mudanças estruturais e econômicas pelas quais o *Jornal do Commercio* passava naquele momento, como a perda do financiamento do Império para a publicação de informações oficiais, o que lhe dava um caráter de diário oficial (GRANJA, 2012, p. 147-158), e a mudança de proprietário, das mãos de Francisco Picot e Júlio Constâncio de Villeneuve para as do político e jornalista José Carlos Rodrigues, no dia 15 de outubro de 1890, quando começaram a ser abordados temas que antes seriam evitados pelo regime monárquico, como o desenvolvimento industrial e a livre-empresa (SANDRONI, s./d., p. 5). Nesse novo contexto, a seção folhetim desse jornal, espaço dedicado à publicação de romances seriados, crônicas, críticas literárias, teatrais etc., continha quatro de suas oito colunas habituais, fornecendo sobretudo informações ligadas à política, à economia, às notícias do estrangeiro e às das províncias.

Na ocasião da publicação do primeiro capítulo da tradução desse romance, é reproduzido um texto de onze parágrafos também escrito por Escragnolle Dória acerca da obra literária de Edmond e de Jules de Goncourt, perpassando temas como a literatura nacional, os hábitos de leitura da sociedade brasileira e a escolha de se traduzir *Sò ur Philomène*. Os parágrafos iniciais do texto de Dória, de forma panorâmica, contextualizam o leitor da *Irmã Philomena* acerca da produção literária brasileira, sugerindo ter havido certa resistência à literatura naturalista no país e, logo, o seu desconhecimento pela maior parte da população. Desse modo, Dória chama a atenção para a figura de Émile Zola (1840-1902), o escritor que, segundo ele, teve mais visibilidade no campo literário brasileiro, servindo de referência para a produção romanesca nacional. Nesse sentido, é interessante notar a nomenclatura empregada pelo autor ao se referir ao que chama de “escola” literária:

De nome, em nosso país é muito conhecida a escola naturalista. Filiam-se a ela frequentemente alguns dos nossos escritores, arrostando os preconceitos e as religiões literárias. Por estes, apenas são lidos e relidos os modelos da

escola, modelos que nos chegam da babilônica Paris, “o verdadeiro clima da atividade humana”. Mas o *profanum vulgus*, em geral, poucos os conhecem, mostrando-se admirado quando se citam e comentam.

Dentre os homens de letras *realistas*, o que aqui tem logrado ser lido, é Émile Zola, depois do escandaloso êxito de *Nana*. Dos fundadores da *escola moderna do realismo*, ou melhor da do *documento humano*, poucos se lembram e pesa não raro sobre seus nomes injustificável olvido. Quantas vezes não me há pungido serena tristeza vendo esquecidos esses talentos de envergadura genial, límpidos como o mais puro brilhante.<sup>31</sup>

É possível perceber, no primeiro e no segundo parágrafos, certa indistinção entre os termos “naturalismo” e “realismo”, motivando-nos a indagar em que orientação estética Dória aloca os escritores que chama de “fundadores da *escola moderna*”, ou seja, Émile Zola e os “esquecidos [...] talentos de envergadura genial”, provavelmente em referência aos irmãos Goncourt.<sup>32</sup> Essa questão pode começar a ser respondida ao colocarmos em perspectiva o que afirma Émile Zola em discussão com Flaubert, reproduzida na passagem do dia 19 de fevereiro de 1877 do *Journal des Goncourt*. Zola reconhece que o termo *naturalismo* é algo forjado, vendo a necessidade de repeti-lo nos jornais para que o público creia estar diante de algo novo (GONCOURT, 1989, p. 314). Guy de Maupassant (1850-1893), por sua vez, no prefácio de *Pierre et Jean* (1888), reivindica o termo *ilusionista*, em vez de *realista*, para aqueles escritores que têm o talento de dar a ilusão de realidade na obra literária (MAUPASSANT, 1888, p. XVII-XVIII). Em poucas linhas é possível perceber certo descompasso com o que se entendia por realismo e naturalismo à época do surgimento e do emprego dessa terminologia no domínio literário, sobretudo no que se refere à fluidez dessa nomenclatura, em que cada autor reivindica um termo diferente. À vista disso, identificamos, na confluência de termos que atravessou grande parte do século XIX, a convivência do mesmo posicionamento estético baseado na observação, no “documento humano”, assim como observa Dória no terceiro e no quarto parágrafos de seu texto:

Pertence o realismo a todas as épocas, mas somente, no último quartel do século XIX se o soube devidamente apreciar, dando-lhe a merecida importância, encaminhando a observação, fazendo a literatura ombrear com a ciência e, em alguns casos, depender desta, reclamando para elas

<sup>31</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 69, n. 257, 16 set. 1891, p. 1, grifo nosso. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

<sup>32</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 69, n. 257, 16 set. 1891, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

franquezas e liberdades de estudos científicos, criando a psicologia das sensações e a histologia da alma, dissecando personagens e fatos, aproveitando a história anônima para a história social.

Sem falar em Balzac, o titânico autor da *Comédia Humana*, as modernas doutrinas literárias, embora modificadas e deturpadas por espírito de progresso ou condenáveis desmandos, conhecem por mestres a Gustave Flaubert e aos Goncourt. *Madame Bovary* e *Germinie Lacerteux* são os livros-tipo do naturalismo hodierno. E, contudo, raras vezes são recordados os iniciadores dessa renovação nas camadas literárias. Faz dó, causa pena dizer isto, mas é a pura verdade. Que hercúleos combates sustentaram no seu próprio país, em meio a uma sociedade culta, de confrades ilustres, essas inteligências privilegiadas! Lutas contra o indiferentismo inconsciente do público, contra o desdém proposital dos colegas, contra as críticas apaixonadas, acerbadas e injustas. Aos trinta e nove anos sucumbia Jules de Goncourt, minado pelos desgostos imerecidos da sua carreira de artista, apunhalado pela frieza glacial com que era recebida uma de suas obras-primas *Madame Gervaisais*. A simpatia geral aureola hoje em França a fama do eminente romancista.<sup>33</sup>

Como fizera Zola em *Les romanciers naturalistes* (1881), nos excertos acima, Dória aproxima autores de gerações distintas, como Balzac, Flaubert, Goncourt e Zola, colocando-os como “mestres”, cujo reconhecimento se deu somente “no último quartel do século XIX”, e como iniciadores da literatura produzida à época da publicação de seu texto. Dos “mestres” da literatura francesa, os irmãos Goncourt são aqueles que, segundo Dória, tiveram menos reconhecimento por suas obras à época de suas primeiras publicações, reclamando para si o título de primeiro tradutor para o português de uma obra goncourtiana no Brasil. No que diz respeito à escolha do primeiro título escrito pelos irmãos Goncourt a ser traduzido, Dória deixa claro nos parágrafos seguintes de seu texto que se tratou de uma preferência pessoal:

Edmond de Goncourt, um feliz da infelicidade, goza a doce recompensa da glória, embora pungido no âmago do coração pela saudade eterna do companheiro inseparável da sua proveitosa existência.

Entre nós, creio, ninguém ainda se lembrou de verter um romance dos Goncourt. Com ufania reclamo a prioridade do tentame. Habituei-me a honrar estes dois ilustres homens de letras, e a benevolência com que me tem tratado e distinguido o sobrevivente, enche-me do mais justo orgulho.

Escolhi, de indústria, um dos seus melhores escritos para interpretá-lo na língua vernácula.<sup>34</sup>

<sup>33</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 69, n. 257, 16 set. 1891, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

<sup>34</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 69, n. 257, 16 set. 1891, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 2 mar. 2017.



Dória assume, em seguida, uma postura explicativa sobre o romance que traduziu: “Na *Irmã Philomena* encontrará o leitor uma sensibilidade suave de artista maridada a um suave estilo da verdade. Tudo é real, palpitante, vivo: tema, episódios e descrições”.<sup>35</sup> Apesar de não estarem legíveis devido a um problema técnico da digitalização do periódico, os parágrafos finais do texto de Dória deixam entrever que seu autor provavelmente esteve a par do insucesso da primeira publicação de *Sò ur Philomène*:

Recordarei aqui que se vendia, em 1861, semelhante primor por 20 centimos [ilegível].

[...]

Sim, para o homem de letras, por ironia da sorte, as felicidades são invariavelmente tardias e a sua glória nunca deixa de ser a triste glória das lágrimas.<sup>36</sup>

Ao final do texto, verificamos que Dória não se limitou a tecer considerações acerca do que o teria motivado a traduzir *Sò ur Philomène* ou da sua relação com o Goncourt vivo à época. O tradutor, ao avançar seu ponto de vista crítico sobre as produções literárias francesa e brasileira, bem como sobre a tradução do romance em questão, intervém, mesmo que indiretamente, no horizonte de expectativas do leitor. Dessa forma, é possível levantar a hipótese de que Dória poderia ter pretendido publicar *Irmã Philomena* em volume, no qual o texto que é reproduzido na primeira página do *Jornal do Commercio* na ocasião da publicação do primeiro capítulo desse romance poderia assumir a função de prefácio. No que se refere à recepção dessa tradução, supomos que essa obra tenha circulado por grande parte do Rio de Janeiro já que, durante a década de 1890, segundo Nelson Werneck Sodré, o *Jornal do Commercio* estava entre os cinco jornais mais vendidos na então capital da República (SODRÉ, 1966, p. 304).

Em meados de 1894, quando assumiu o cargo de redator-secretário da *Semana*, Escragnolle Dória deu um novo fôlego às suas traduções. Naquele momento, suas inclinações literárias começam a ficar mais bem-delineadas, revelando sua preferência por autores naturalistas, como Alphonse Daudet, de quem traduziu o conto “Menteuse”, parte do “delicioso livro de Daudet, *Femmes d’Artistes*”, cuja tradução brasileira, “Mentirosa”,

<sup>35</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 69, n. 257, 16 set. 1891, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

<sup>36</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 69, n. 257, 16 set. 1891, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

apareceu na edição do dia 22 de setembro de 1894, cerca de vinte anos depois de sua publicação na França, pela editora de Alphonse Lemerre, em abril de 1874.<sup>37</sup> Foi também na *Semana* que Escragnolle Dória publicou parte de outra obra escrita pelos irmãos Goncourt a quatro mãos:

Mais um mimo oferecemos hoje aos nossos leitores: a tradução de dois capítulos do primoroso romance dos Goncourt – *Charles Demailly*, tradução feita pelo nosso companheiro Escragnolle Doria, que já verteu para a língua vernácula dois romances dos célebres irmãos: *Sò ur Philomène*, publicado no *Jornal do Commercio* em 1891, e *Les Frères Zemganno*, tradução ainda inédita.<sup>38</sup>

No que diz respeito à tradução de *Charles Demailly* (1860), o único indício de que dispusemos para confirmar a sua efetiva circulação na imprensa brasileira são os capítulos XLII e XLIII, publicados na página seguinte à do anúncio de sua tradução na *Semana*. Parece-nos também que a tradução de *Les Frères Zemganno* (1879), inédita à época, permaneceu desconhecida do grande público: em pesquisa no acervo de periódicos de jornais e revistas digitalizados da FBN, não foram encontradas referências à tradução desse romance feita por Dória, tampouco anúncios de sua venda em forma de livro ou de sua publicação na seção folhetim de jornais brasileiros.

Das traduções feitas por Escragnolle Dória de que temos notícia, parece-nos ser *As semi-virgens*, do célebre romance de Marcel Prévost, publicada no Brasil em 1896 pela editora Laemmert, a única a ser lembrada em seus obituários e no texto introdutório da reedição do livro *Memória histórica do Colégio de Pedro Segundo* (1937), que fora incumbido de elaborar pela Portaria de 2 de abril de 1934. Isso talvez se deva ao fato de tanto *Les demi-vierges* (1894) quanto sua tradução – publicada diretamente em livro – terem sido anunciadas ao mesmo tempo e diversas vezes em periódicos nacionais, assim tendo maior possibilidade de incorporação à história literária. *As semi-virgens* foram anunciadas em jornais de diversos estados brasileiros, ora aparecendo como romance que “foi um escândalo

<sup>37</sup> A *Semana*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 60, 22 set. 1874, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2016. Sobre a publicação dessa obra na França, ver *Le Figaro*, Paris, 21<sup>e</sup> année, n. 119, 29 abr. 1874, p. 2: “Les femmes d’artistes, par Alphonse Daudet, édition de luxe, avec eau-forte, paraît cette semaine à la Librairie Lemerre”. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/>> Acesso em: 1<sup>o</sup> maio 2015.

<sup>38</sup> A *semana*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 59, 15 set. 1894, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

na sociedade pacata de Paris”,<sup>39</sup> ora ao lado de títulos de nomes consagrados à época, ou de autores populares como Figueiredo Pimentel:<sup>40</sup>

Laemmert & C.

Editores

Rio de Janeiro – São Paulo

Últimas publicações

Marques de Maricá: “Máximas, pensamentos e reflexões”. Única edição completa ornada com o retrato do autor, nítida edição enc. 6\$000

Machado de Assis: “Várias histórias”, 1 vol. nitidamente impresso. 4\$000

Velentim Magalhães: “Bric-à-brac”, 1 vol. ornado com o retrato do autor e magnífica capa ilustrada por Julião Machado. 4\$000

Velentim Magalhães: “Vinte contos”, 2ª edição corrigida, 1 vol. 3\$000

Marcos Valente: “Filosofia de algibeira” (para filósofos de bonde), 1 vol. in-32. 1\$000

Marcel Prévost: “As semi-virgens”, tradução brasileira, com um prefácio de Escragnolle Dória, 1 grosso vol. de 450 páginas, nitidamente impresso. 4\$000

José Veríssimo: “Estudos brasileiros”, 2ª série, 1889-1893, 1 vol. in-8º. 5\$000

Rodrigo Octávio: “Sonhos funestos”, drama de assunto colonial, em três atos e quatro quadros. 3\$000

Figueiredo Pimentel: “Um canalha!”, romance original brasileiro, 1 volume com linda capa colorida. 3\$000.

[...]

Rua do Ouvidor 66.<sup>41</sup>

Outras traduções de obras francesas feitas por Escragnolle Dória circularam nas páginas dos periódicos com os quais colaborou ao longo de sua vida. É o caso, por exemplo, de *Batalha feminina*, crônica judiciária traduzida do romeno;<sup>42</sup> *Os cegos*, drama em um ato do escritor belga Maurice Maeterlinck (1862-1949);<sup>43</sup> *O sermão da raposa*, do fabulista francês Jean-Pierre Claris de Florian (1755-1794);<sup>44</sup> “Tristeza Estival”, traduzida do poema “Tristesse

<sup>39</sup> *Diário de Minas*, Belo Horizonte, ano 1, n. 33, 9 fev. 1899, p. 2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 3 nov. 2016.

<sup>40</sup> Sobre a reação da crítica literária ao romance *Um canalha*, de Figueiredo Pimentel, consultar MENDES & VIEIRA, 2014.

<sup>41</sup> A *Notícia*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 115, 14-15 maio 1894, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

<sup>42</sup> *Gazeta de Petrópolis*, Petrópolis, ano 2, n. 186, 9 dez. 1893, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

<sup>43</sup> A *Semana*, Rio de Janeiro, ano 6, n. 77, 23 mar. 1895, p. 4-5; n. 78, 30 mar. 1895, p. 4-5; n. 80, 13 abr. 1895, p. 3-4; n. 85, 18 maio 1895, p. 4-5; n. 86, 25 maio 1895, p. 4; n. 88, 8 jun. 1895, p. 4-5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

<sup>44</sup> *Pacotilha*, Maranhão, ano 19, n. 253, 24 out. 1899, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 1º fev. 2017.

d'été", de Stéphane Mallarmé (1842-1898), que teria sido publicada na revista carioca *Rua do Ouvidor* em 11 de maio de 1901 (GUIMARÃES, 2010, p.17); "O vaso quebrado", poema do poeta francês Sully Prudhomme (1839-1907);<sup>45</sup> e "O Corvo", poema de Edgar Allan Poe (1809-1849).<sup>46</sup>

No que diz respeito à relação do tradutor de *Sò ur Philomène* com os autores deste romance, a chamada do *Jornal do Commercio*, publicada na primeira página do jornal em 16 de setembro de 1891 que anuncia a publicação do início do folhetim na página 4, adianta uma proximidade entre ambos os escritores que ia além de uma simples filiação literária, visto que a tradução havia sido "devidamente autorizada pelo autor sobrevivente, por carta que dirigiu ao tradutor em maio último".<sup>47</sup> A referida carta foi transcrita e publicada cerca de cinco anos mais tarde na *Revista Brasileira*, no obituário de Edmond de Goncourt, escrito por Escragnolle Dória, confirmando, assim, a efetiva troca de correspondências entre ambos.<sup>48</sup>

Segundo Escragnolle Dória, seu primeiro contato com a obra dos irmãos Goncourt se deu quando ele ainda era um "estudante de direito, em férias do quarto ano". Naquela ocasião, leu "pela primeira vez um livro dos Goncourt, o *Journal des Goncourt*, limitado então a três volumes". A partir de então, leu os romances desses autores publicados até aquele momento, os quais o motivaram a escrever "em francês, idioma familiar, três romances: *Cò ur d'Ange*, *Mathilde Mornand* e *Sò ur Louise*", sendo este último considerado pelo autor um "bem fraco eco das formosas páginas de *Soeur Philomène*".<sup>49</sup> Após escrever *Sò ur Louise*, cuja dedicatória é "A Edmond de Goncourt – à sua glória triste – minha obscuridade melancólica", veio-lhe a ideia de se corresponder com Edmond de Goncourt: em carta, "sem refolhos, nem elogios ultra-hiperbólicos", anexou alguns capítulos desse romance e os enviou.<sup>50</sup> A resposta do escritor francês chegou no dia 8 de outubro, com um sucinto agradecimento de Edmond,

<sup>45</sup> *Jornal do Recife*, Recife, ano 45, n. 43, 22 fev. 1902, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

<sup>46</sup> Sobre a tradução de "O Corvo", de Edgar Allan Poe, consultar o artigo assinado por Mucio Leão publicado em *Autores e livros ó suplemento literário de A Manhã*, Rio de Janeiro, ano 8, n. 2, v. 9, 26 jun. 1948, p. 21-23; e n. 9, v. 9, 26 set. 1948, p. 111. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

<sup>47</sup> *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, ano 69, n. 257, 16 set. 1891, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 2 mar. 2017.

<sup>48</sup> *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 2, jul.-set. 1896, p. 228-232. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>49</sup> *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 2, jul.-set. 1896, p. 228-229. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>50</sup> *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 2, tomo 7, jul.-set. 1896, p. 229. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 25 out. 2015: "À Edmond de Goncourt – à sa gloire triste – mon obscurité mélancolique".

tanto pela estima e admiração declaradas por Dória, quanto pelos capítulos de *Sò ur Louise*. Nas palavras de Dória à época, “ei-la [a resposta], virgem até hoje da menor publicidade”:<sup>51</sup>

8 de outubro de [18]90.

Senhor e caro confrade,

O conhecimento que o senhor tem da obra dos dois irmãos, a espécie de apego que o senhor testemunha em favor de suas pessoas, me faz aceitar verdadeiramente com o reconhecimento da dedicatória que o senhor muito quer consagrar ao vivo e ao morto.

Aceite, senhor, a garantia dos meus sentimentos mais simpáticos, e creia que eu estou tocado por encontrar tão longe da França um tão fervoroso e tão piedoso admirador.

Edmond de Goncourt.<sup>52</sup>

A troca de cartas entre Dória e Edmond de Goncourt continuou, dessa vez tendo artigos publicados na imprensa brasileira e suas respectivas versões para a língua francesa anexados à tréplica. Dentre os artigos que Dória verteu para a língua francesa e enviou a Edmond, o único mencionado é aquele em defesa da adaptação de *La Fille Elisa* (1877), feita por Jean Ajalbert, e de sua representação no Théâtre Libre, de André Antoine. Provavelmente para demonstrar o reconhecimento que Jules não teve em vida, Dória incluiu também em sua carta “grandes e magníficas folhas secas do Amazonas” para serem postas “sobre o túmulo fraterno no cemitério Montmartre”.<sup>53</sup> A resposta, segundo consta no obituário publicado na *Revista Brasileira*, foi escrita em maio de 1891, mais uma vez trazendo os agradecimentos de Edmond pela gentileza de ter-lhe enviado algumas apreciações à sua obra e pelo presente que deveria ser posto no túmulo de Jules. Além disso, há a indicação de que foi nessa ocasião que Dória pediu a autorização de Edmond para traduzir *Sò ur Philomène*:

Maio, 1891.

Senhor,

<sup>51</sup> *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 2, tomo 7, jul.-set. 1896, p. 229. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 25 out. 2015.

<sup>52</sup> *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 2, tomo 7, jul.-set. 1896, p. 229. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 25 out. 2015: “8 octobre [18]90. Monsieur et cher confrère. La connaissance que vous avez de l’œuvre des deux frères, l’espèce d’attachement que vous témoignez pour leur prose et leurs personnes, me fait accepter vraiment avec la reconnaissance la dédicace que vous voulez bien consacrer au vivant et au mort. Agréez, monsieur, l’assurance de mes sentiments les plus sympathiques, et croyez bien que je suis touché de trouver si loin de la France un si fervent et si pieux admirateur. Edmond de Goncourt”.

<sup>53</sup> *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 2, tomo 7, jul.-set. 1896, p. 230. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 25 out. 2015.

Estou completamente tocado – do fundo do coração –por estas flores devotadamente colhidas pelo senhor nas florestas da Amazônia (1), destas flores magníficas em ouro e em prata desenhadas para serem depositadas sobre a tumba de meu irmão, que estou justamente prestes a mandar arrumar. Não sei ainda como vos agradecer pela dedicada simpatia que eu em vós encontro.

Isto para vos dizer que vos dou a plena autorização para publicar *Sò ur Philomène* em português.

Receba mais uma vez, caro senhor, todos os meus agradecimentos por vossa devoção à memória do morto, por vossa coragem na defesa do vivo.

Edmond de Goncourt.

[...]

(1) Houve engano da parte de Goncourt, nunca fui ao Amazonas.<sup>54</sup>

É possível inferir, portanto, que Edmond de Goncourt não somente consentiu na tradução do romance escrito a quatro mãos com seu irmão Jules, mas também teve contato com as críticas brasileiras feitas às suas obras. O obituário de Edmond de Goncourt escrito por Escragnolle Dória ainda assinala que a troca de cartas prosseguiu, tendo ele endereçado as críticas que circularam na imprensa brasileira, junto de suas respectivas versões em francês, ora “à livraria Charpentier (rue de Grenelle 11), ora ao 67 Boulevard Montmartre”, endereço em que Edmond residia à época.<sup>55</sup>

A comprovação de que Edmond continuou a receber as correspondências de Dória após autorizar a tradução de *Sò ur Philomène* pode ser encontrada no catálogo do leilão da biblioteca dos irmãos Goncourt, realizado após a morte do irmão mais velho, no Hôtel Drouot, entre os dias 5 e 10 de abril de 1897. Em meio aos 22 títulos traduzidos para línguas como alemão, italiano, inglês e espanhol, há “[...] *Irmã Philomena*, versão de Escragnolle Dória. Sem lugar nem data (Rio de Janeiro, Brasil, 1892), pequeno in-4º em 2 colunas,

<sup>54</sup>Revista Brasileira, Rio de Janeiro, ano 2, tomo 7, jul.-set. 1896, p. 230, grifo nosso. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 25 out. 2015: “Mai, 1891. Monsieur, Je suis tout à fait touché – et au fond du cœur – de ces fleurs pieusement cueillies par vous dans les forêts de l’Amazone (1), de ces fleurs magnifiques d’or et d’argent destinées à être déposées sur la tombe de mon frère, que je suis justement dans le moment en train de faire arranger. Je ne sais encore comment vous remercier de la sympathie dévouée que je trouve chez vous. C’est vous dire que je vous donne l’autorisation pleine et entière de publier *Sò ur Philomène* en portugais. Recevez encore une fois, cher monsieur, tous mes remerciements de votre attachement à la mémoire du mort, de votre vaillance à la défense du vivant. Edmond de Goncourt. [...] (1) Houve engano da parte de Goncourt, nunca fui ao Amazonas”.

<sup>55</sup>Revista Brasileira, Rio de Janeiro, ano 2, tomo 7, jul.-set. 1896, p. 231. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 25 out. 2015.



papelão abaçanado, couro verde, lombada de papel marmorizado, folhas coladas sobre papel pautado” (DELZANT, 1897, p. 148).<sup>56</sup>

É assinalado ainda que se trata de um “exemplar com dedicatória e cartas autografadas assinadas pelo tradutor” (DELZANT, 1897, p. 148).<sup>57</sup> Isto posto, é possível concluir que, nas cartas enviadas por Dória, foram incluídos recortes da seção folhetim do *Jornal do Commercio*. Quanto à organização desses recortes em forma de livro, a informação de que se tratava de “laudas coladas sobre papel pautado” leva-nos a crer que Dória teria reunido e dobrado em duas partes os recortes da tradução de seu romance de modo que duas das quatro colunas da seção folhetim do *Jornal do Commercio* estivessem dispostas em cada uma das páginas de um caderno de folhas pautadas. Nessa ordem de ideias, é possível igualmente calcular que o livro confeccionado tivesse cerca de 50 páginas já que os 53 capítulos da *Irmã Philomena* foram publicados em 25 dias.

As cartas trocadas entre Edmond de Goncourt e Escragnolle Dória, publicadas primeiramente no obituário da *Revista Brasileira*, chamaram a atenção da crítica a tal ponto que, cerca de um mês depois de sua publicação no Brasil, possivelmente também foram reproduzidas na França, como aponta a edição do jornal *Minas Geraes* do dia 27 de outubro de 1896, que afirma ter a “*Revue des Revues*, de Paris, [...] reproduzindo [...] as belas cartas que Edmond de Goncourt, há pouco falecido, escreveu àquele nosso distinto homem de letras”.<sup>58</sup>

Pouco mais de quarenta anos depois, a imprensa brasileira ainda dava notícia sobre a troca de correspondências entre Edmond de Goncourt e Escragnolle Dória: em maio de 1954, o periódico carioca *A Ilustração*, editado pela mesma equipe da revista ilustrada *O Malho*, traz a seus leitores o artigo intitulado “Duas cartas de Edmond de Goncourt a um escritor brasileiro”:

<sup>56</sup> “*Irmã Philomena*, versão de Escragnolle Doria. S[ans] l[ieu] n[i] d[ate] (Rio [de] Janeiro, Brésil, 1892), pet[it] in-4º à 2 col[onnes], cart[on] bas[ané], mar[quain] vert, tr[anche] de queue en papier] peig[né], feuillets collés sur papier réglé”.

<sup>57</sup> “Exemplaire avec envoi et lettre autographes signés du traducteur”.

<sup>58</sup> *Minas Geraes*, Ouro Preto, ano 5, n. 290, 27 out. 1896, p. 4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 7 nov. 2015. Registramos aqui que até o presente momento não foi possível confirmar esta informação porque os números da *Revue des Revues* referentes aos meses de julho, agosto, setembro e outubro não se encontram digitalizados, tendo provavelmente sua consulta condicionada a visita presencial à Biblioteca Nacional da França.

Parece-nos que somente um ilustre compatriota nosso se pôde gabar-se de manter correspondência epistolar com aquele astro da Literatura francesa. Esse felizardo foi Escragnolle Dória, se não esquece, nimbado que é pelo fulgor de uma estirpe venerável a que a nossa pátria não se tem, infelizmente, sabido dar o valor merecido.<sup>59</sup>

Ainda na segunda metade do século XX se tinha notícia no Brasil da troca de correspondências entre Goncourt e Dória. Trata-se da crônica “Os Goncourt e um escritor brasileiro”, escrita pelo crítico literário e historiador Brito Broca (1903-1961) e publicada na edição do dia 13 de maio de 1961 do jornal paulistano *A Gazeta*, na qual o crítico literário traz uma síntese do obituário escrito por Dória e reproduz trechos das cartas assinadas por Edmond de Goncourt.<sup>60</sup>

O obituário escrito por Escragnolle Dória ecoou no tempo através da reprodução das cartas de Edmond de Goncourt endereçadas a ele na imprensa francesa e brasileira. À vista disso, é possível concluir que, após a morte de Edmond de Goncourt, através da transcrição de suas cartas endereçadas a Escragnolle Dória, a vida literária do polígrafo brasileiro continuou a ser objeto de atenção da imprensa e dos intelectuais, expandindo ao extremo os círculos de reconhecimento desse homem de letras mesmo após sua morte. A atuação de Escragnolle Dória como mediador da obra literária dos irmãos Goncourt ajudou a garantir ao irmão mais velho não mais uma forma de reconhecimento social ligada ao julgamento dos pares, chamada por Lilti de *reputação*, nem a *celebridade*, mas, em certa medida, sua *glória*.<sup>61</sup>

Podemos afirmar que, por deter o controle do meio de difusão de ideias mais importante do século XIX e início do século XX, bem como por funcionar como um operador de atribuição de legitimidade no campo literário, a imprensa criou paulatinamente uma imagem multifacetada de Escragnolle Dória, haja vista as diversas frentes em que atuou durante sua trajetória. Suas atividades como jornalista, escritor, professor e historiador, parecem-nos não terem encoberto umas às outras, entretanto, sua imagem de autor,

<sup>59</sup> *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, ano 25, n. 145, maio 1947, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

<sup>60</sup> Informação obtida na recolha de crônicas de Brito Broca, intitulada *Naturalistas, parnasianos e decadentistas*, organizada por Alexandre Eulálio: “*A Gazeta*, 13 maio 1961” (BROCA, 1991, p. 6, 131-132). A edição a qual Eulálio se refere não foi encontrada no acervo de periódicos digitalizados da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional ou em qualquer outro acervo de periódicos digitalizados consultados durante a pesquisa, portanto não foi possível precisar o ano do jornal, a edição e o número da página.

<sup>61</sup> Segundo Lilti, “a glória designa a notoriedade adquirida por um ser considerado fora do comum por seus feitos, quer se trate de atos de bravura, de obras artísticas ou literárias [...] [e] é essencialmente póstuma” (LILTI, 2005, p. 12-13).

gradativamente construída ao longo de sua vida, mantinha-se pouco explorada até o presente momento. Pudemos identificar um considerável número de poemas em prosa, contos e traduções, tendo difundido por meio dessas últimas os valores da estética naturalista dos irmãos Goncourt, autores que ocuparam um lugar central em sua trajetória. Suas séries de estudos históricos sobre artistas, cantoras e cantores de outro tempo, publicadas na *Revista Brasileira*, poderiam ser facilmente assimilados por um leitor mais bem-informado àqueles escritos pelos irmãos Goncourt, como *Sophie Arnould* (1857), sobre a atriz e cantora soprano Madeleine-Sophie Arnould (1740-1802), baseado em suas cartas e memórias; ou por Edmond, como *La Saint-Huberty* (1882), sobre a cantora soprano Antoinette Cécile Saint-Huberty (1756-1812) e *La Guimard* (1893), sobre a dançarina Marie Madeleine Guimard (1743-1816), que integrou o corpo de baile da Comédie Française por volta de 1758. Apesar de não termos encontrado os romances mencionados no obituário de Edmond de Goncourt ou qualquer indício de que eles tenham sido publicados, vemos a crítica reconhecer em outros gêneros praticados por Dória, como poemas em prosa e contos, uma nítida filiação aos irmãos Goncourt. Além disso, a pesquisa no acervo de periódicos digitalizados pela FBN nos possibilitou ver que a produção literária de Escragnolle Dória passou pelo crivo de nomes cuja consagração perdurou no tempo, como, por exemplo, Machado de Assis e José Veríssimo, dividindo com eles, anos mais tarde, as redações de jornais e de revistas cariocas. Escragnolle Dória, um escritor até hoje pouco ou quase nada lembrado por sua produção literária, revelou-se nesta pesquisa um verdadeiro polígrafo das letras brasileiras.

## Referências

- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Luiz Gastão d'Escragnolle Dória. In: \_\_\_\_\_. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1899, v. 5 (J-L), p. 411.
- BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art*; genèse et structure du champ littéraire. Paris: Seuil, 1992.
- BROCA, Brito. Os Goncourt e um escritor brasileiro. In: \_\_\_\_\_. *Naturalistas, parnasianos e decadentistas*; a vida literária do realismo ao pré-modernismo. Coordenação de Alexandre Eulálio. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991, Coleção Repertório, 131-132.
- DELZANT, Alidor. *Bibliothèque des Goncourt*: livres modernes, ouvrages avec le portrait des auteurs peint sur la reliure, romantiques, auteurs contemporains, oeuvres des Goncourt,

manuscris et imprimés, ouvrages divers, anciens et modernes composant la bibliothèque des Goncourt. Paris: Georges Duchesne/Durel, 1897.

ESCRAGNOLLE DÓRIA, Luiz Gastão de. *Memória histórica do Colégio de Pedro Segundo ó 1837-1937*. Reedição e atualização de ACCIOLI, Roberto Bandeira; VIEIRA, Afonso Bensabat Pinto; BARBOSA, Aloysio Jorge do Rio; MALVEIRA, António Nunes; MACHADO, Demósthères Vieira; GORRESE, Gastão Nogueira, DOMINGUES, Marílio Pires; GNÇALVES, Noemi Pacheco Dias Gonçalves. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1997. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002134.pdf>>. Consultado em 7 dez. 2016.

GRANJA, Lucia. No rodapé dos jornais: casos do romance-folhetim, *Floema* (UESB), v. IX, p. 147-158, jan./jun. 2012.

GUIMARÃES, Júlio Castañon. Presença de Mallarmé no Brasil. In: \_\_\_\_ (Org.). *Reescritas e esboços*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2010.

LILTI, Antoine. *Figures publiques. L'invention de la célébrité 1750-1850*. Paris: Fayard, 2014.

MARTIN, Perci Alvin, *Who's Who in Latin America: a Biographical Dictionary of the Outstanding Living Men and Women of Spanish American and Brazil*. Londres: H. Milford, Oxford University Press, 1940, p. 135. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=A8OrAAAIAAJ&pg=PA135&lpg=PA135&dq=W+ho%27s+Who+in+Latin+America+escragnolle+dória&source=bl&ots=cRjvoZUwiJ&sig=\\_0iMuV\\_9Syze5WT5Q9jHzl6-3ag&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiG9bu5\\_9jTAhUDUZAKHfHkA1QQ6AEIJzAA-v=onep](https://books.google.com.br/books?id=A8OrAAAIAAJ&pg=PA135&lpg=PA135&dq=W+ho%27s+Who+in+Latin+America+escragnolle+dória&source=bl&ots=cRjvoZUwiJ&sig=_0iMuV_9Syze5WT5Q9jHzl6-3ag&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiG9bu5_9jTAhUDUZAKHfHkA1QQ6AEIJzAA-v=onep)>. Consultado em: 5 maio 2017.

MAUPASSANT, Guy de. *Pierre et Jean*. Paris: Paul Ollendorff Éditeur, 1888, p. I-XXXV (Le roman). Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k91269k.r=Pierre+et+Jean+Guy+de+Maupassant?rk=21459;2>>. Consultado em 18 nov. 2015.

MENDES, Leonardo Pinto. & VIEIRA, Renata Ferreira. Naturalismo e banalidade em *Um canalha* (1895), de Figueiredo Pimentel. *Navegações*, v. 7, n. 2, p. 116-124, jul.-dez. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/17128/13150>>. Consultado em 4 fev. 2017.

SANDRONI, Cícero. José Carlos Rodrigues. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*, edição do CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, coordenação de Alzira Abreu, (online). Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RODRIGUES, José Carlos.pdf>>. Consultado em 26 jan. 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

ZOLA, Émile. *Les Romanciers naturalistes: Balzac, Stendhal, Gustave Flaubert, Edmond et Jules de Goncourt, Alphonse Daudet, les romanciers contemporains*. 2<sup>e</sup> éd. Paris : Charpentier, 1881. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k215334g/f368.image>>. Consultado em 18 nov. 2015.

### Luiz Gastão de Escagnolle Dória: a Brazilian Letters poligraph

**Abstract:** Scanning part of the newspapers and magazines from the National Library Foundation collection has been providing a new look on the history of literature in Brazil. By means of detecting once again writers whose activity was rich especially in the 19th century and ended up consigned to oblivion, it is possible to remeasure the literary storyline. It is Luiz Gastão de Escagnolle Dória's case (1869-1948), occasionally remembered for working as a teacher at Pedro II School or for his dedication to preserving the national intellectual heritage as a member and director of the Brazilian Historical and Geographical Institute. His literary production, however, is alive among the pages of the journals with which he contributed during his *trajectory*. With that in mind, the imposed matter here goes beyond the reason why he was excluded of the canon list supported by historiography. Considering his lack of numerous book publications, which would open doors to school handbooks, the purpose of this paper is to reestablish successive positions occupied by Escagnolle Dória in the Brazilian *literary field* during his *trajectory* (BOURDIEU, 1992) in order to put in perspective his role as a writer and translator of literary works.

**Keywords:** Escagnolle Dória. Brazilian literature. Brazilian press. Naturalism.

**Recebido em:** 08 de setembro de 2017.

**Aprovado em:** 10 de outubro de 2017.